

▶ Enchem o pão com alpiste e coloquem um pouquinho de água. Pode ser que os passarinhos comam o alpiste antes de ele nascer, o que também vai ser legal. Façam vários desses, com alças de tamanhos diferentes, e pendurem em galhos de árvores, em janelas, etc. Após algum tempo, reforcem o alpiste ou molhem mais um pouquinho os pães, até que seja preciso substituí-los.

Uma variação, para colocar frutas bem maduras: substituir o pão por copinhos de iogurte usados ou semelhantes. Para ficar mais bonito, pintem os copinhos com cores bem vibrantes! É preciso substituir as frutas antes que apodreçam.

p. 107

As atividades dessa página requerem um cuidado além daquele que você normalmente já tem, pois trata-se de assuntos bem complexos, que exigem muita delicadeza. Deixe que as crianças se interessem pela imagem e só depois encaminhe a atividade com base nas orientações do LP.

p. 108 a 110

Antes de ler o texto da página 108, explique às crianças o que significam as palavras **harmonia**, **respeito** e **desrespeito** a partir do contexto da classe: “Se, na classe, cada um fizer o que bem entende, sem respeitar os outros, o que acontecerá? Uma tremenda confusão, não é? Já pensaram? O Paulinho gritando na maior altura, a Rosa cantando, a Dani fazendo piruetas, eu plantando bananeira, dois ou três chorando... e o Pedro querendo fazer a lição. Será que ele ia conseguir? Por que é que usamos o bastão-que-fala quando vamos fazer a roda de conversa? Por que é importante usarmos as palavrinhas mágicas? Porque dessa forma todos temos os mesmos direitos, somos respeitados e sabemos respeitar os outros. Cada coisa tem de ter a sua hora! Isso é viver em harmonia, é ter paz! Harmonia é uma palavra muito bonita! Vamos escrevê-la no quadro-de-giz?” Em seguida, escreva e leia com a turma a frase: QUEREMOS VIVER EM HARMONIA!

Transcreva o texto para o quadro-de-giz em letras bem grandes. Leia-o sozinha. Se ainda houver palavras difíceis, explique-as. Faça cinco grupos e encarregue cada um deles de repetir com você um dos versos. Comece bem devagar, apontando no quadro o verso que deve ser dito por grupo e pedindo que repitam, até que todos saibam de cor o seu verso. Vá então aumentando o ritmo. Depois troque a frase de cada grupo, até que todos sejam capazes de dizer o poema inteiro.

Se achar interessante, crie com as crianças uma música para os versos.

Depois de explicar às crianças o que é uma maquete e de motivá-las para a atividade da página 110, leia com elas as imagens superiores – sugestões de material a ser utilizado – e comecem a organizar o que vocês têm em classe. Encarregue cada grupo de coletar um tipo de material. Depois, cada grupo ficará encarregado de uma parte do processo, de acordo com suas habilidades. Ajude-os nessa distribuição de tarefas, valorizando sempre qualquer tipo de participação.

Com o material já organizado, faça com elas a leitura das imagens de baixo – sugestões de como montar a maquete – e, juntos, examinem as revistas para destacar as possibilidades de escolha do ambiente. Oriente-as na escolha final. Se não conseguirem chegar a uma conclusão, proponha uma votação.

Lembre-se de que, quanto maior for a caixa – que você deverá ter providenciado com antecedência –, mais fácil será o manuseio. O cenário de fundo e o das laterais pode ser uma fotografia ou ilustração de revista que mostre elementos do ambiente escolhido. As crianças podem complementá-lo com desenhos ou colagens de outras ilustrações e até mesmo com pequenos elementos, como sementes, palitos, conchas, pedrinhas, massinha, dobraduras, colocadas de modo a combinar com os outros elementos e formar uma composição tridimensional.

Depois de pronta, coloque a maquete em um lugar especial da classe, valorizando o trabalho da turma.

UNIDADE 3 – Gente dá nome para tudo...

Para que a criança compreenda o nome como uma forma de representação combinada entre as pessoas, exploremos nesta unidade os no-

mes das coisas, os quais são apresentados em subtemas. Cada subtema é introduzido por meio de pequenos textos na forma de versos rimados. A intenção é que esses versos criem condições para que as crianças compreendam o significado dos nomes, a necessidade de sua padronização, e comecem a perceber os códigos da oralidade e da escrita.

Sugerimos a leitura do texto “A Árvore tinha de ser Árvore?”, de Dora Incontri, do livro *Estação Terra*, Editora Moderna, que contribuirá para a reflexão sobre a forma como os nomes foram dados às coisas e que mostra que a escrita é a representação de algo combinado entre os homens. Vejamos um trecho:

No início... Ninguém sabe como era. Quem inventou a primeira palavra na Idade da Pedra? Quem chamou a árvore de “árvore”? Podiam ter escolhido outro nome. Por exemplo, ter chamado a árvore de “céu” e ao céu dado o nome de “vento”, e o vento ter o nome de “flor”... E assim ao infinito.

A única coisa importante era que todos chamassem a árvore pelo mesmo nome. Senão, já pensou? Se cada um desse um nome diferente, ninguém se entenderia. Então para tudo foi necessário que se determinasse um nome. Não fosse isso, seria...

p. 113 e 114 (páginas de abertura)



Antes de começar a trabalhar com o livro, peça que cada criança pegue um objeto qualquer da classe e coloque-o no centro de onde vocês costumam fazer a roda de conversa. Peça-lhes que se sentem em volta desse amontoado de coisas, pegue o bastão-que-fala e anuncie, com uma expressão séria: “Hoje vamos mudar os nomes de to-



das as coisas! Estou cansada de chamá-las sempre pelo mesmo nome. Vocês me ajudam?”. Vá pegando cada um dos objetos, nomeando-os e pedindo sugestões de mudança: “Um apagador... Por que se chama apagador? Acho mais legal chamá-lo de lagarto. Para mim, apagador agora é lagarto. E para você, Pedro?” Ao que ele diz: “Sorvete!”.

Então continue: “Muito bom também. Alguém mais quer falar?”. Vá anotando no quadro-de-giz os nomes sugeridos para cada objeto sem o correspondente antigo. A idéia é gerar uma pequena confusão, para que, além de se divertir, as crianças tenham clara a idéia de quanto é importante que todos chamem cada coisa pelo mesmo nome. Continue fazendo isso com os outros objetos, até que o quadro esteja cheio de nomes. Deixe os objetos onde estão, sente-se em sua cadeira e peça que alguém lhe traga um “folhudo”, por exemplo. Se ninguém, nem mesmo quem deu esse nome, lembrar do que se trata, diga algo como “Folhudo não existe!” e risque a palavra do quadro. Siga fazendo isso até que vocês tenham de desistir e voltar aos nomes antigos, para que todos se entendam! Vale também como um jogo da memória.

p. 115 e 116

Amplie as atividades explorando nomes que possam não fazer parte do dia-a-dia das crianças ou que sejam desconhecidos delas, como semáforo, faixa de pedestres, escrivania, almoxarifado, gabinete, banquetas, fax.

Escreva em letra de imprensa maiúscula, acima de cada desenho e/ou colagem feito após o passeio, o nome de tudo o que foi lembrado pelas crianças. Organize com elas um mural com o título GENTE DÁ NOME PARA TUDO e liste os nomes lembrados.

Incentive-as a criar uma história na qual deverão usar palavras engraçadas ou menos conhecidas, que não façam parte de seu vocabulário usual, ou ainda os diferentes nomes que um mesmo objeto pode ter.

p. 118

Antes de trabalhar com a adivinha, explore todos os nomes que se referem à casa de Gabi, inclusive os que não estão representados graficamente, mas cuja existência as crianças podem deduzir, como jardim, quintal, portas, janelas, portão, telhado, telha, maçaneta, etc. Explique às crianças que, além de uma mesma coisa poder ter diferentes nomes – como casa, residência, habitação, moradia; sinal, sinaleira, farol, semáforo –, uma mesma palavra também pode designar duas ou mais coisas diferentes. “A palavra casa significa o lugar onde a gente mora. Quando eu digo ‘Hoje o João casa com a Maria’, o que a palavra casa quer dizer? E o que quer dizer ‘Quem casa quer casa?’” Assim como quem não quer nada, pergunte: “Alguém sabe como se chamam estes buraquinhos por onde o botão entra quando abotoamos a blusa?” Se ninguém souber, diga esta frase: “Laura não abotoou a blusa porque as casas estão apertadas!” Se mesmo assim as crianças não entenderem, explique pegando uma blusa e abotoando-a. Sem conhecer essa acepção da palavra casa, as crianças não têm chance de acertar a adivinha.

p. 119 e 120

Motive as crianças para a atividade conversando com elas sobre suas próprias casas. Aproveite para saber um pouco mais sobre como e com quem elas vivem, o que pode contribuir para a sua convivência com elas. “Quem quer nos contar como é o lugar em que mora? É uma casa ou um apartamento? Com quem você mora? O que tem na sua casa: uma cozinha... Tem um quarto só para você? A cama de seu irmão é igual à sua? O que tem no quarto de vocês? Tem cortinas na janela? De que cor são as cortinas? Tem quadros nas paredes? De que cor são as paredes? O que os quadros mostram? Você lembra? Tem fotos no seu quarto? Em porta-retratos? Quem está nas fotos? Você tem um gatinho? Ele mora dentro de sua casa ou tem uma casinha só para ele? Como é o nome do seu gatinho? Quem escolheu o nome dele? Você tem outros bichinhos? Todos têm casa? Você tem duas casas? Uma da mamãe e outra do papai? Às vezes você fica com a mamãe, às vezes com o papai? Você tem uma cama em cada casa? Que legal, você tem duas casas, duas camas... Você mora com o papai e o vovô?”

Depois da construção dos objetos, aproveite para trabalhar noções básicas de geometria: mostre os objetos produzidos em diferentes posições – de frente, de lado, de cima – e explore suas formas com as crianças.

p. 121

Para socializar as composições do ambiente, organize as crianças em duplas, para que cada uma “leia” o trabalho da outra. Essa atividade possibilita às crianças perceberem o que falta em seu próprio desenho para que outras pessoas possam compreendê-lo. Em atividades em que as crianças trocam os seus trabalhos, é necessário que você fique atenta aos julgamentos que poderão fazer a respeito do trabalho do colega. Antes de iniciar, deixe claro que o objetivo não é dizer se o trabalho do colega é feio ou bonito, mas verificar se representa o que ele havia se proposto a fazer.

p. 126

Depois de cantarem “Se esta rua fosse minha” com o texto original, convide as crianças a dizer o que fariam com a sua rua para que ela fosse a melhor do mundo. Vá registrando as idéias de cada um no quadro-degiz. Depois peça que componham um pequeno texto intitulado A MELHOR RUA DO MUNDO. Você será o escriba.

Em seguida, lance a idéia de praças cheias de árvores de flores – como já existem – e de árvores frutíferas, como laranjeiras, goiabeiras, jabuticabeiras, romãzeiras, mangueiras, caquizeiros, mamoeiros, macieiras, etc. Pergunte: “Já pensaram que bom seria quando as frutas amadurecessem e as crianças pudessem apanhá-las, lavá-las em alguma torneira por ali mesmo e comê-las? Já houve um tempo em que era assim... Não nas ruas, mas nos quintais das casas, que eram cheinhos de árvores frutíferas! As crianças subiam em árvores cheias de agilidade e de coragem. E havia passarinhos cantando por toda parte... Vocês gostariam que existissem praças assim? Sabiam que isso é possível? Vamos fazer uma campanha para que isso se torne realidade?”. Explique o que é uma campanha e pergunte às crianças se elas gostaram da idéia. Então, vão em frente! Convidem outras turmas da escola e até outras escolas – se tiverem internet,

usem-na para isso –, façam cartazes e principalmente escrevam/desenhem muitas, muitas cartas, cartões, mensagens eletrônicas e enviem-nos às autoridades: vereadores, deputados, prefeitos, governadores, presidente da República! E não se esqueçam de dizer nessas cartas que não aceitam a desculpa de que as crianças vão apanhar as frutas ainda verdes, de que não vai dar certo, de que as crianças podem cair das árvores, etc. Elas vão reaprender a subir em árvores, vão se acostumar com a fatura, os pais vão adorar colocar balanços para elas nas árvores das praças, e as crianças vão poder de novo brincar junto à natureza!

p. 127

Ao trabalhar com os símbolos, relembre com as crianças as placas feitas quando trabalharam com os sinais de trânsito. Aproveite para propor a confecção de outras, assim como de cartazes com os temas COCÔ DE CACHORRO e LIXO. Algumas sugestões: LIXO É NO LIXO! (uma casca de banana pulando para dentro de uma lixeira), POR FAVOR, RECOLHA O MEU COCÔ! (um cachorro falando com o dono, na rua). Um símbolo que a criança conhece bem é o coração. Façam muitos, proponha que colam nas paredes e que entreguem para as pessoas de quem gostam. Utilizando etiquetas, faça com as crianças selinhos autocolantes com carinhas de aprovação e de desaprovação – sorrindo, séria, emburrada – para colar nas lições já trabalhadas. Assim você terá idéia do índice de aprovação ou de desaprovação das atividades propostas e as crianças irão se preparando para a atividade da última página do livro, que é de avaliação. Brinque com elas usando palavras que perdem seu sentido próprio quando usadas afetuosamente, como “Oi, gatinha!”, “Oi, minha flor!”.

p. 132

Antes de conversar com a turma sobre se há diferença entre brinquedos de meninas e de meninos, lide com a situação de forma mais concreta, propondo que brinquem de casinha. Ajude-os a se organizar formando algumas famílias tradicionais (com o pai, a mãe, filhos e filhas, avô e avó), famílias de pai e filhos, família de mãe e filhos, casais sem filhos, avós e netos, etc., um médico e uma enfermeira, um dentista, donos de lojas,

mercados, padarias, etc. Não se esqueça de sugerir que incluam as bonecas e outros brinquedos na brincadeira. Enquanto a brincadeira se desenrola, procure observar em todos os detalhes, até mesmo na escolha dos papéis, os valores aos quais as crianças obedecem. Quando há pai, é sempre ele que trabalha fora? É sempre ele que resolve as situações? Filho menino não brinca de boneca?

p. 133

Prepare as crianças para a criação da história por meio de perguntas e observações que as façam sentir que os brinquedos, no caso a pipa, os patins e o patinete, podem ser protagonistas de ações e sentimentos necessários a um enredo. Leve em consideração principalmente que os três brinquedos se locomovem e pergunte: “Vocês acham que, quando uma pipa está voando lá no alto, ela brinca com o vento, fala com ele, aposta corrida com ele? Será que ela vê cada vez menor o menino que está soltando? Será que ela fica com saudade dele e, por isso, às vezes resolve descer? E com as nuvens, será que ela conversa? Será que alguma pipa já pegou chuva? Como foi? Será que ela ficou toda molhada? Será que a pipa tem vontade de quebrar o fio que a prende e voar até o fim do mundo? Será que alguma pipa já pegou carona num avião? Será que o patinete fica chateado quando, depois de andar nele, uma criança joga-o de qualquer jeito num canto da garagem? Será que um patinete pode ir mais longe que uma pipa? E os patins? Será que são mais rápidos? Será que o patinete e os patins têm vontade de voar como a pipa? Será que a pipa tem vontade de correr como eles para conhecer as coisas aqui de baixo de mais perto?”

p. 135 e 136

Proponha às crianças que peçam que os próprios entrevistados desenhem em folhas à parte os brinquedos/brincadeiras de que tenham falado.

A partir daí, organize com as crianças uma exposição sobre os brinquedos de ontem e de hoje (veja páginas seguintes do LP), para que elas percebam as transformações pelas quais passaram os brinquedos e as brincadeiras ao longo do tempo. No dia da abertura da exposição, fa-

çam o DIA DOS AVÓS E CIA.! Explique às crianças que, nesse caso, Cia. significa qualquer outra pessoa que seja como avós para eles. Elabore com elas a lista de convidados, oriente-as na confecção dos convites, prepare com elas os “comes e bebes”, assim como um pequeno discurso e/ou poemas para homenageá-los. Façam desse dia um dia de afeto. Convidem os avós a manusearem junto com as crianças os brinquedos da exposição para mostrar como brincavam. Além de ser um momento de amorosidade, a experiência preparará as crianças para as próximas atividades. Não se esqueça de preparar com a turma as placas que organizarão o espaço e orientarão os visitantes. Se possível, tire muitas fotos do evento! Se achar conveniente, convide outras turmas para participar do encontro.

p. 137 e 138

Façam uma roda de conversa para relembrar os momentos mais preciosos do evento com os avós. Em seguida, estimule as crianças a representar com desenhos esses momentos e depois levá-los para os avós.

Caso o **jogo da amarelinha** não tenha feito parte do evento, apresente às crianças essa brincadeira tão antiga, mas que ainda faz parte de nosso cotidiano.

Leia para as crianças textos literários e poéticos sobre o tema, como os apresentados no livro *Brinquedos e brincadeiras* (ver Referências Bibliográficas).

p. 141

Como se joga o bilboquê? Com uma das mãos em torno de uma das pontas da varinha, movimente o braço de forma que o gesto impulse o copo para a frente e para cima. Antes que ele desça, encaixe-o na ponta da varinha que ficou para fora da mão. Conte-lhes que brincar com o bilboquê sempre foi muito difícil e exige muito treino e paciência. Às vezes, a bola de madeira (aqui substituída pelo copo) batia na testa dos jogadores. Por todos esses detalhes, o brinquedo era mais indicado para crianças grandes e adultos. No caso do brinquedo que confeccionaram, não há perigo de se machucarem. Por isso, incentive-as a não desistir, porque é uma brincadeira divertida.

p. 142 a 144

Ao socializar os nomes dados pelas crianças aos personagens da página 142, comente que os nomes provavelmente foram escolhidos de acordo com as características das pessoas, como seu jeito de ser, expressão do rosto, olhar... Pergunte: “Será que os nossos nomes são escolhidos assim? Será que eles se parecem conosco? Vocês sabem por que esse nome foi escolhido para você? Alguém de vocês já escolheu o nome de um irmãozinho ou irmãzinha? Que nome você escolheu? Por quê? Vocês já escolheram o nome de seus futuros filhos? Ah... Ninguém ainda pensa em ter filhos? Como eram as pessoas da página quando bebês? Os nomes escolhidos combinam com elas bebês?”

Com relação à brincadeira do *rap*, deixe que cada criança escolha se quer participar ou não. As mais tímidas em geral não se sentem à vontade com atividades desse tipo, mas podem e devem ficar na roda com a turma e participar como espectador, além de dizer seu nome do lugar, quando chegar a sua vez.

Depois da atividade com o crachá, monte um caça-nomes gigante com os nomes das crianças repetidos algumas vezes e peça a cada uma para encontrar o seu. Comente quantas vezes você escreveu cada nome para facilitar a captura de todos os registros.

p. 145

Quando cada criança for “ler” para os colegas os nomes de seus familiares, pode ser que a turma estranhe alguns deles. Antes que riam dos nomes ou se refiram a eles de forma desagradável, lembre-os do respeito que devemos ter pelas escolhas dos outros.

Peça que cada criança fale sobre as pessoas que compõem a sua família e registre os nomes delas no quadro-de-giz. Depois, peça a ajuda da turma para agrupá-los pela semelhança na oralidade, fazendo grupos de nomes que começam ou terminam de forma igual (com o mesmo som, sílaba ou letra) ou juntem os nomes que não tenham nenhuma letra igual, etc.

Faça com a turma uma LOJA DE NOMES. Para isso, providencie várias embalagens de pasta de dente. Uma das superfícies das embalagens de pasta de dentes deverá ser forrada com papel branco. Escreva em cada

superfície, com letras de imprensa maiúscula bem grandes, o nome de cada criança, o seu, dos familiares, entre outros que elas queiram escrever. Quanto mais nomes houver, melhor. Montem a lojinha e comecem a “vender” os nomes. Ao comprar um nome, a criança deve dizer para que ou para quem o quer: se vai trocar de nome, se é para o filho, o vizinho, o animal de estimação, etc. Depois aproveitem as caixas para brincar de colocar os nomes em ordem alfabética ou organizá-los em grupos de nomes com a mesma quantidade de letras, etc., colocá-las sobre as mesinhas de cada grupo, nomeando as crianças que o formam, etc.

p. 146

Antes de propor as atividades da página, reúna-se com as crianças numa roda de conversa e retome o tema das pessoas que compõem cada família, agora com foco nas quantidades: quantos homens, quantas mulheres, quantas crianças, quantos adultos. Organize-as em duplas e peça que comparem as famílias, para depois comentar aspectos referentes a mais/menos: mais crianças que adultos, menos mulheres que homens, etc. Proponha que usem, por exemplo, palitos para representar as crianças e tampinhas para os adultos, bolinhas para as mulheres e clipes para os homens, ao fazer as correspondências no concreto. Registre essas representações no quadro-de-giz. Peça que cada criança guarde os elementos que usou para representar seus familiares. Depois de trabalhar com as famílias de todas as duplas, registre os palitos, as tampinhas, as bolinhas e os clipes de cada criança em um gráfico, no quadro. Trabalhe com as atividades do livro. Depois, volte ao gráfico e peça que as crianças observem qual é a família mais/menos numerosa em termos de crianças, de adultos, de homens e de mulheres.

p. 148

Antes de propor a atividade da página, trabalhe com as crianças o conceito de que tudo no mundo tem nome, mas só gente tem sobrenome. Apresente em um cartaz a letra da canção “Gente tem sobrenome”, do CD *Direitos das Crianças*, Toquinho, 1987, Polygram. Desenhe ou cole no cartaz ilustrações dos elementos de que fala a canção: casa, janela,

jardim, gente, flores, rosa, camélia, jasmim. Faça a leitura indicada, mostrando ao mesmo tempo as palavras e os elementos gráficos. Logo as crianças saberão o texto de cor. Se possível, traga o CD para escutarem e cantarem juntos. Repita a brincadeira do rap feita anteriormente com os nomes, mas desta vez as crianças deverão acrescentar os sobrenomes.

TODAS AS COISAS TÊM NOME,
CASA, JANELA E JARDIM.
COISAS NÃO TÊM SOBRENOME,
MAS A GENTE, SIM.
TODAS AS FLORES TÊM NOME,
ROSA, CAMÉLIA E JASMIM.
FLORES NÃO TÊM SOBRENOME,
MAS A GENTE, SIM.

Em seguida, coloque no quadro-de-giz o nome completo de uma criança que tenha o sobrenome da mãe e o do pai. Pergunte se ela e as outras crianças sabem de onde vem cada um daqueles nomes: “Será que esses nomes também foram escolhidos? Alguém achou bonito e colocou na criança?” Se ninguém souber a resposta, explique que esses nomes são nomes de família, isto é, vêm do pai e da mãe, e que no Brasil se usa assim: logo depois do nome vem o sobrenome da mãe e em seguida o do pai, mas que existem crianças que só têm o sobrenome do pai ou só o sobrenome da mãe. Se elas quiserem saber por quê, explique que essa foi uma decisão da mãe e do pai da criança.

Amplie a atividade com nomes trabalhando com nomes de histórias. Chame a atenção das crianças para o fato de que cada história tem um nome. “Será que as histórias têm sobrenome?” Peça-lhes que falem sobre outras histórias e que digam os nomes delas. Pergunte: “Quem dá nome às histórias?”

Leia a história da Branca de Neve para as crianças e converse com elas sobre o nome dela e o nome dos anões, relacionando-os ao jeito de ser, ao humor, às expressões e às atitudes de cada um.

Peça que cada uma das crianças escolha um dos anões para representar. Reconte trechos da história para que possam imitar as características principais de cada um desses personagens. Oriente a dramatização da história.

Peça que se lembrem de nomes de histórias que tenham no título nomes de pessoas, como João e Maria, Pinóquio, Rapunzel, João e o pé de feijão, entre outras. Reserve um dia para a contação de histórias ou um espaço diário para essa atividade.

p. 149 a 152

Antes de fazer a leitura da parlenda, comente com as crianças que o texto que você vai ler brinca com as palavras e fala sobre o primeiro dia da semana. “Alguém sabe qual é o primeiro dia da semana?” Se não souberem, não diga ainda. Pergunte: “Vocês sabem que os dias da semana têm nomes? E que cinco deles têm sobrenome? E que o sobrenome é o mesmo para todos os cinco, já que eles são da mesma família? O sobrenome é Feira! Só o primeiro e o último não têm sobrenome. Alguém sabe que dias são esses?” Vá escrevendo no quadro-de-giz os nomes que forem aparecendo e depois ordene-os junto com as crianças, partindo do dia em que estão. Chame a atenção delas para o fato de cinco dias terminarem com **a** e só os dois “que não têm sobrenome” terminarem com **o**. Escreva os dias da semana em fichas e acrescente no alto, à direita, números pequenos que indicam a ordem. Estimule-as a brincar de colocar as fichas em ordem sem chamar a atenção para os números. Lance mão deles apenas se for necessário.

p. 153 e 154

Depois de realizada a atividade do livro e se a agenda de segunda a sexta-feira já foi montada, repasse com as crianças as atividades agendadas: “Segunda-feira é dia de biblioteca. Terça-feira é dia de cachorro-quente no lanche. Quarta-feira é dia do que mesmo? E quinta-feira? Sexta-feira também é dia de vir à escola? E nesse dia costumamos fazer o quê? Hoje é...? Quantos dias faltam para o final de semana? Vocês vão fi-

car com saudades da escola? Vocês já sabem o que vão fazer neste final de semana? Se tiverem tempo, façam um desenho bem bonito para mim e me tragam no primeiro dia de aula, que vai ser...?”

p. 157 a 160

Ao pedir que as crianças dêem nome aos personagens, pergunte: “Por que os elementos da natureza, como rios, montanhas, animais, insetos, também precisam ter nome? No poema, algum deles soube dizer o próprio nome? O nome de um rio ou de uma montanha é importante para eles ou para nós? Por quê? E um supermercado, uma loja, uma farmácia, por que é que eles têm nome? Os nomes deles são importantes para eles ou para nós? Por quê?” Aceite as hipóteses, coloque a sua e discutam-nas.

Divida a turma em dois grupos e proponha um desafio: Que grupo encontrará mais nomes de pessoas, de insetos, de animais, de lojas, de supermercados? Você será o escriba e anotará os nomes que forem sendo ditos pelos dois grupos. Depois, peça às crianças que ajudem a contá-los.

Não esqueça que o cenário para o teatro deve ser colado apenas na parte superior da caixa/palco, pois as crianças terão de entrar e sair com os personagens por baixo e pelas laterais da caixa. Ela tem de ficar sobre uma mesa ou algo do tipo, rente à borda e com espaço atrás suficiente para as crianças que vão “atuar” se movimentarem. A mesa ou o que for a base para o palco deve ter uma toalha na frente e nas laterais, para melhor esconder os “atores”. Além disso, com a tampa e o fundo que foi recortado, é preciso fazer “muros” de cada lado da caixa para esconder os personagens, quando entram e saem do palco. Peça que desenhem árvores como uma continuação do cenário. Boas apresentações!

p. 159 e 160

Nem é preciso dizer, mas sugiro que você e seus alunos terminem o ano com muitas demonstrações de carinho, beijos e abraços bem apertados! Aproveitamos para agradecer seu trabalho e também enviar um grande abraço!